

De volta ao futuro da língua portuguesa.

Atas do X^o UGRN^o Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa

Simpósio 3 - Literatura em trânsito: em viagem à casa do outro, 1409-1432

ISBN 978-88-8305-127-2

DOI 10.1285/i9788883051272p1409

<http://siba-esel.unisalento.it>, © 2017 Università del Salento

O INVISÍVEL HOTEL RYUGYONG, REPRESENTAÇÕES DO OUTRO NO ROMANCE *DENTRO DO SEGREDO, UMA VIAGEM NA COREIA DO NORTE*, DE JOSÉ LUÍS PEIXOTO

Vânia Cecília Almeida REGO³⁸

RESUMO

Ler *Dentro do segredo, Uma viagem na Coreia do Norte*, de José Luís Peixoto é abrir uma porta para um mundo desconhecido, quase ignorado, como o pode ser a Coreia do Norte. O autor procura com esta obra mostrar como a literatura pode tomar conta de assuntos que remetem para a esfera política, sociológica e até antropológica, de forma a colocar em cena uma sociedade enclausurada, assim como um dos regimes ditatoriais mais fechados do mundo. A representação literária e geográfica da Coreia do Norte permite ao autor entrar na “casa do Outro” e perceber de que forma a visão de um ocidental sobre essa cultura pode contribuir para a construção do texto e de que forma o contacto com a mesma possibilita a desconstrução dessa visão sobre um dado lugar no mundo.

Por outro lado, a escolha do país é a forma encontrada pelo autor de viver a sua aventura quixotesca, posto que o exílio momentâneo na Coreia do Norte, corresponde a um desejo profundo de busca de si e o encerramento numa sociedade tão fechada é uma forma de se descobrir e de descobrir a sua pertença ao pequeno retângulo pintado a amarelo no globo terrestre encontrado numa escola coreana. A referência a D. Quixote não é gratuita, dado que o livro, escondido numa mala, acompanha o autor ao longo da viagem e será o ponto de partida para uma reflexão sobre a realidade vivida e a realidade retórica do regime de Pyongyang.

PALAVRAS-CHAVE: Alteridade; identidade; desconstrução; representações.

Partida

A longa história da literatura portuguesa já nos ensinou que a visita à casa do Outro pode trazer um amplo conhecimento de modos diferentes de viver e de sentir o mundo, mas sobretudo agudiza o olhar sobre nós mesmos e sobre como é viver em

38 UBP – Universidade Blaise Pascal, Faculdade de Letras Línguas e Ciências Humanas, Departamento de Estudos Portugueses e Brasileiros. 34 avenue Carnot, 63000 Clermont-Ferrand, França.

Email: vcarego@gmail.com

Portugal numa dada época. A relação entre a literatura portuguesa e o mundo intensifica-se mormente durante o período das navegações. As viagens marítimas proporcionaram a Portugal uma influência geopolítica e cultural muito fortes e, com esta influência, o trânsito de portugueses pelo mundo fora permitiu a observação do Outro de uma forma privilegiada, nomeadamente através dos registos e memórias publicados por diplomatas portugueses enviados para o mundo inteiro para defenderem os interesses do país.

Uma observação cuidada das narrativas de viagem escritas na 1ª pessoa permite-nos distinguir três tipos de narrativas que vão influenciar o curso da narrativa portuguesa de tipo memorialista: a narrativa de viagem vivida como uma aventura pessoal, mas também como exemplo de uma época; a narrativa de viagem e de conhecimento de culturas diferentes, mas que poderiam servir de exemplo para a cultura portuguesa; e a narrativa de viagem vivida ou sonhada, aquela que propicia ao Eu a possibilidade de encontrar-se consigo mesmo, com o seu passado ou com a sua região natal.

Sem nos alargarmos demasiado nestas considerações introdutórias, podemos mencionar o caso de *Peregrinação* (1614) de Fernão Mendes Pinto (1509-1583), narrativa longa e detalhada sobre a viagem de um homem, exemplo de todos os portugueses que partiam nas navegações na mesma época, e que conta as suas aventuras e desventuras, as descobertas, os países atravessados de Portugal ao Japão e as diferenças entre povos. O facto de ter escrito esta obra uma vez chegado a Portugal e nos últimos anos de vida levam-nos a pensar que o autor procura fazer um balanço da sua vida, assim como uma reflexão sobre as relações humanas e a nova abertura ao mundo que as viagens marítimas propiciaram à sua geração.

O segundo tipo de narrativas que identificamos compreende casos como o de Thomé Pinheiro da Veiga (1570-1656), autor de *Fastigimia* (1607-1608), narrativa de uma viagem a Espanha ou de Francisco Xavier de Oliveira (1703-1783), autor de *Memórias das Viagens de Francisco Xavier d'Oliveira* (1741), que contam uma viagem entre Portugal a Holanda e a Áustria. Embora tendo sido produzidos em épocas diferentes, estes relatos permitem aos autores exporem as suas críticas em relação aos usos e costumes portugueses quando comparados com outros povos europeus, considerados mais desenvolvidos. Ambos os relatos posicionam a crítica de um ponto de vista político, criticando o sistema vigente em Portugal e os vícios do poder. De certa forma, não estamos longe deste modelo quando no século XIX Almeida Garrett escreve

Viagens na minha terra (1846), viagens que sendo curtas – de Lisboa a Santarém – permitem colocar à vista os problemas políticos e de infraestruturas, causas do atraso de Portugal face às potências europeias.

Mas foi o terceiro tipo de viagem que mais frutos deu à literatura portuguesa, nomeadamente no século XX através de nomes como Vitorino Nemésio (1901-1978) ou de Cristóvão de Aguiar (n. 1940), para citar apenas dois exemplos de autores que se servem da viagem como um meio para efetuar uma proveitosa busca do Eu e para procurar um melhor conhecimento de si mesmos. Tanto nas crónicas de viagem do primeiro quanto nos diários e romances do segundo, como *Passageiro em trânsito* (1988), muitas vezes é a viagem à terra natal, aos Açores em ambos os casos, viagem efetuada, sonhada ou revivida com a ajuda da memória, que proporciona ao Eu a possibilidade de rever os caminhos da sua vida, de rememorar a infância, esse território impossível de reconquistar e ao mesmo tempo tão presente dentro de cada um de nós. No entanto, a viagem não significa necessariamente um reencontro feliz, dado que voltar nunca pode significar viver as mesmas coisas e é, por vezes, com um sabor amargo que o Eu toma consciência da impossibilidade para o ser humano de reviver o passado, reencontrar as gentes que povoam a sua memória ou simplesmente voltar a sentir um dia as emoções desejadas. O Eu que viaja e contacta com outras realidades é um Eu que muda e que se torna também Outro e esta constatação assume, por vezes, contornos dolorosos.

Este tipo de narrativa de viagem associada à memória permite uma descoberta do Eu na dualidade temporal entre passado e presente, nomeadamente através do desdobramento do Eu entre aquele que viveu a viagem, aquele que rememora a mesma e aquele que escreve e que se descobre outro depois da experiência. Não estamos longe neste caso da questão ontológica do sujeito enquanto Outro e da dialética entre identidade e alteridade, questão abordada por Paul Ricoeur no livro *Soi même comme un autre*.

O século XXI traz-nos outros exemplos de autores que trabalham o tema da viagem em diversos sentidos, não podemos ignorar a anti-epopeia de Gonçalo M. Tavares *Viagem à Índia* (2010), na qual o autor faz Bloom (personagem de James Joyce) viajar pela Europa, sonhando com uma viagem à Índia que o libertaria dos fantasmas do presente, uma Índia já mais sonhada do que propriamente real, mas que ainda encerra uma aura de atração para a personagem que deixa Lisboa de forma precipitada para tentar encontrar respostas num périplo que relembra ora o presente

Europeu de Portugal ora o passado histórico. Numa outra perspetiva, *O retorno* (2012) de Dulce Maria Cardoso põe em perspetiva a viagem traumática de meio milhão de portugueses, vindos das ex-colónias, comumente designados retornados, e que viveram o trauma de perder tudo, assim como de serem mal acolhidos em Portugal, num país que não tinha condições nem infraestruturas para tal; acresce a este trauma um outro que é o de encontrar uma metrópole subdesenvolvida, mais pobre e mais triste do que os territórios abandonados.

É numa outra perspetiva que concentrarei o olhar neste trabalho, posto que me debruçarei sobre o livro de viagens *Dentro do segredo, uma viagem na Coreia do Norte* (2012) de José Luís Peixoto. A escolha do autor de visitar aquele que é considerado como “o país mais isolado do mundo” (p. 25) e logo depois de contar a experiência numa narrativa de viagens não é anódina. Ao fazê-lo, o autor abre uma janela para um mundo desconhecido, procurando dar a conhecer um pouco daquele que é o país mais fechado do mundo e o regime político que o governa. A “casa do Outro” revelar-se-á um espaço de estranhamento para o Eu que visita o país pela primeira vez, para se transformar em seguida num espaço de descoberta do Eu, no qual se reflete também sobre a oposição entre a retórica do regime e a realidade sentida e observada pelo autor, mostrando a ténue distância entre realidade e ficção, numa dialética não muito diferente da que é colocada em cena ao longo do *Don Quixote* de Cervantes, livro que acompanha, de forma ilegal, o autor nesta viagem.

Um português na Coreia do Norte

O romance contemporâneo circunscreve muitas vezes uma realidade que ficcionaliza a viagem de uma personagem, frequentemente na primeira pessoa, em visita a um lugar desconhecido, alheio ao conhecimento do viajante. A literatura trabalha destarte a revelar lugares do mundo e a aumentar, confirmar ou até contrariar o nosso conhecimento sobre um dado lugar. Nessa descoberta, o texto literário vai excitar a imaginação e participar na construção de uma imagem ou ideia sobre um lugar ou, ao contrário, participar na sua desconstrução, desfazendo uma a uma as ideias feitas que temos de um certo país, para depois reconstruir uma nova imagem, talvez mais precisa ou pelo menos mais refletida.

É nesta perspectiva que falarei primeiramente da narrativa de viagem *Dentro do segredo, uma viagem na Coreia do Norte* de José Luís Peixoto. O rigor quanto ao género é, aqui, fundamental uma vez que aquilo que o autor pretende com este livro não é levar-nos ao seu universo romanesco, muitas vezes situado no Alentejo, ou aos diferentes territórios do Eu que lhe conhecemos, mas antes descentrar a nossa atenção para a voltar para um território desconhecido como o pode ser a Coreia do Norte³⁹. A viagem indicada no título é desde logo motivo de desnorteamento para o leitor habitual de Peixoto, o facto de o autor se deslocar num território desconhecido, com uma língua e uma cultura totalmente diferentes acrescenta um dado novo na prosa de Peixoto. Lembremos que a literatura de viagens ocupava até então um lugar marginal na produção do autor, resumindo-se a crónicas de viagem na revista *Volta ao mundo*.

Muitas vezes julgada como uma estirpe mais baixa de literatura ou até paraliteratura a literatura de viagem: “propose, dans le cadre d’une écriture subjective, souvent postérieure au retour, le compte rendu d’un voyage présenté en principe comme réel.” (Gannier, 2001: 5).

Respeitando todos os critérios desta definição, Peixoto estabelece desde o título uma cumplicidade com o leitor que ao ler o nome Coreia do Norte projeta no livro o seu desejo de ver o Outro e de conhecer o seu mundo. Aliás, título e subtítulo pretendem informar o leitor de onde e como foi realizada a viagem: o título sugere a noção de segredo, uma vez que o autor parte sem informar quase ninguém do seu destino e das suas intenções de escrever sobre a Coreia do Norte e o subtítulo informam claramente qual é o destino misterioso mencionado no título, melhor compreendido pelo leitor logo que vê a menção à Coreia do Norte. O paratexto permite assim revelar desde logo a pertença em termos de género à literatura de viagens. Ao mesmo tempo, o uso da 1ª pessoa é totalmente aceite na medida em que a viagem foi realizada pelo próprio autor: o discurso autoral assegura a sua liberdade, por isso, ele pode reorganizar as suas notas e adaptar numa narrativa mais ou menos longa, alterando a ordem das peripécias ou tentando guardar uma certa ordem cronológica.

A organização temporal do livro já denuncia a subjetividade inerente ao uso da primeira pessoa: o livro começa no fim da viagem, no primeiro capítulo o autor está na saída da Coreia a ser inspecionado pelo guarda alfandegário e o segundo capítulo serve-

39 Contar uma viagem à Coreia do Norte é algo que não é inédito, outros escritores levaram a cabo projetos semelhantes em diversos países, cito como exemplo dois desses livros: *Au pays du grand mensonge* de Philippe Grangereau, *Serpent de mer*, col. Terrae Incognitae, Paris, 2000 e *Voyage en Corée du Nord* de Nicolas Righetti, Olizane, Paris, 2003.

nos de introdução para conhecer de onde surgiu o plano de viajar. A partir do terceiro capítulo, o ponto de vista adotado é quase sempre cronológico seguindo a lógica da viagem que durou 15 dias na Coreia do Norte. Desta realidade atesta a listagem de nomes de cidades, monumentos e acontecimentos que fazem com que o percurso seja vivido pelo leitor. De uma certa forma, nomear o lugar ou o monumento cria esse monumento aos olhos do leitor, trá-lo para uma realidade mais palpável.

Mas como é que José Luís Peixoto apresenta a Coreia do Norte? Responder a esta primeira pergunta permite-nos observar como a narrativa da viagem de Peixoto permite construir uma representação sobre o país Coreia do Norte. Tal como a grande maioria dos leitores, o autor conhece apenas a imagem que os livros ocidentais dão sobre a Coreia do Norte (p. 25). No entanto, ao fazer esta viagem, o autor pôde ter um ponto de vista que lhe permitiu escrever o livro que temos em mão, ao longo de todo o livro, o olhar de Peixoto conduz a nossa imaginação a criar uma imagem mental de um povo submetido a uma “ordem e disciplina” (p. 9) que escapam à nossa compreensão. Para isso o autor vai formular vários juízos e observações sobre o comportamento organizado dos norte-coreanos, observações que podem ir do detalhe pontual das “roupas bem engomadas” (p. 12) à descrição das “marchas militares” (p. 11) que se ouvem nos altifalantes espalhados pela cidade de Pyongyang ou colocados em carrinhas que se deslocam de manhã à noite nas cidades do interior e que não fazem mais do que repetir as proezas dos líderes ou destilar a ideologia do regime controlando o quotidiano das pessoas através de um som constante que só termina no início da noite.

Constantemente descritos como “organizados com geometria militar” (p. 54), a imagem dos norte-coreanos dada por José Luís Peixoto ainda no aeroporto de Pequim materializa a imagem de um país fechado, pobre e submetido a um regime ditatorial feroz: “as roupas de uma pequena multidão, muito organizada, de pessoas sisudas. Os coreanos vestidos com fatos austeros, de fazenda austera e cores austeras, falavam baixo entre si.” (p. 40), pessoas que têm obrigatoriamente de usar “[a]o peito, [...], o emblema com a cara de Kim Il-sung, Kim Jong-il, ou de ambos.” (p. 52). A repetição constante de expressões ligadas à ordem e à organização do texto ditadas pela focalização do olhar do autor que sabemos subjetivo, instalam uma impressão de clausura e de controlo permanentes da população que acabam por criar uma sensação de asfixia no leitor.

Ao mesmo tempo, as diferenças culturais são responsáveis por uma certa desorientação do narrador que se vê confrontado a uma língua e a um alfabeto diferentes, responsáveis por um certo desconforto, traduzido de forma metafórica para o

leitor logo no primeiro capítulo aquando de um controlo do guarda alfandegário: “[o] som do coreano, conhecia bem a sua música mas, mesmo assim, aquelas palavras esculpidas, cheias de arestas, causavam uma sensação desagradável ao atravessar-me. Eram palavras ríspidas, espécie de arame farpado.” (p. 10). Da mesma forma, os usos e costumes são tão diferentes que para comunicar a estranheza provocada o autor serve-se de dois processos: o primeiro é o de introduzir no seu texto palavras coreanas para dar conta de realidades inexistentes em português e assim causar também a estranheza no leitor: é o caso do uso da palavra “*kimchi*” (p. 15) para designar um preparado de legumes picantes típico da Coreia do Norte, a bebida tradicional “*soju*” (p. 66), o género musical “*Taejung kayo*” (p. 65) ou ainda o vestido tradicional das mulheres “*choson-ot*” (p. 51); o segundo processo é a analogia, tentar explicar ao leitor, não sem um certo humor, uma realidade vivida através de algo semelhante na realidade do leitor, é o que acontece quando o autor prova algumas refeições de carne de cão e compara:

Frito sabia a pombo. Vinha num pequeno prato uma porção de carne desfiada e fígado. Não trazia temperos fortes. Cortado em tiras finas, o fígado frito sabia a iscas. O montinho de carne desfiada sabia a pombo. Desde criança que tive muitos cães. Fui amigo de muitos cães. Já tinha imaginado diversas vezes, com repulsa, o que seria comer carne de cão. Duvidava de que fosse capaz de mastigá-la e engoli-la. A caminho de Kaesong, quando se perguntou quem queria comer carne de cão, combinei com o canadiano do banco ao lado que dividíamos os pratos. Assim, podíamos experimentar frito e na sopa, não tínhamos de escolher apenas uma opção. Eu estava convencido de que apenas queria provar. Mas quando trouxeram a comida, a carne de cão, toda a gente à minha volta comeu com tanto apetite que esqueci os escrúpulos. Ainda assim, a sopa custou-me um pouco. Na terrina, boiava num caldo com rodelas de gordura. A carne da sopa era mais grossa, com tiras de banha e ossos. Não é agradável roer ossos de cão. Na sopa, parecia carne de vaca. (p. 107)

Estes apontamentos sobre os costumes locais, instalam um novo olhar sobre a realidade e colocam o indivíduo à prova ou como já afirmamos descentra-o do seu mundo afastando-o da sua zona de conforto: “Le voyage confronte l’exotisme et l’introspection; il projette le voyageur, souvent isolé, dans un milieu régi par des lois différentes, dans lesquelles la recherche de repères connus est une manière d’appréhender la différence et de gérer solitude et dépaysement.” (Gannier, 2001: 3).

Por outro lado, estes apontamentos gastronómicos e até certo ponto etnográficos servem para ajudar a construir a imagem do Outro, tão diferente da do Eu do autor e do leitor, fomentando a imaginação deste último e estimulando-o a pensar a diferença:

l'image de l'Autre sert à écrire, à penser, à rêver autrement. [...] à l'intérieur d'une société et d'une culture envisagées comme champs systématiques, l'écrivain écrit, choisit son discours sur l'Autre, parfois en contradiction totale avec la réalité politique du moment: la rêverie sur l'Autre devient un travail d'investissement symbolique continue. Si, au plan individuel, écrire sur l'Autre peut aboutir à s'autodéfinir, au plan collectif, dire l'Autre peut aussi servir les défoulements ou les compensations, justifier les mirages ou les fantasmes d'une société. (Pageaux, 1994: 151).

A diferença é apresentada de um ponto de vista subjetivo, posto que o autor seleciona os detalhes que descreve ao leitor, dentro dessa subjetividade podemos enquadrar, por exemplo, o tratamento do tempo na narrativa. Estamos perante um tempo trágico que fecha o autor numa viagem – de quinze dias – mas que está associado à percepção subjetiva das visitas a museus ou das intermináveis explicações repetidas sobre os feitos dos grandes líderes. A repetição é aliás uma das estratégias usadas pelo autor para mostrar a frequência com que os viajantes são bombardeados de dados sobre os fantásticos acontecimentos na Coreia do Norte, a grandeza do país, a sua riqueza ou a perfeição dos seus líderes, provocando a sensação de que as visitas se sucedem e são todas iguais, acentuando mais uma vez a impressão de clausura e de asfixia que já mencionámos anteriormente.

Não obstante, uma das características da literatura de viagens é o objetivo de informar o leitor e o autor respeita este critério ao resumir em quatro páginas a história recente da Coreia do Norte (p. 25-28). Assim, o autor respeita a expectativa do leitor que quer saber mais informações acerca de um lugar antes de conhecer as impressões subjetivas que a viagem provoca no narrador.

No seu célebre ensaio de 1755 *Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes*, Rousseau criticava o universalismo das descrições feitas na literatura de viagens dos seus predecessores, mostrando como uma perspectiva eurocêntrica não podia dar conta das diferentes realidades do mundo e lamentando como os europeus descreviam os restantes povos – originando por exemplo mitos como o do bom selvagem, as noções de primitivismo, entre outras criações que sabemos hoje historicamente nocivas no estabelecimento das relações entre povos.

Como já mencionamos anteriormente, a literatura de viagens serve para construir, mas também para desconstruir as ideias feitas sobre um determinado lugar. No caso do livro de José Luís Peixoto, é-nos dada uma perspetiva negativa do regime norte-coreano, vários apontamentos sobre a miséria da população, mas ao mesmo tempo, de vez em quando o autor consegue com algumas pinceladas contrapor à imagem de organização, sisudez e austeridade uma série de imagens de alegria que contrariam estas últimas e que foram inclusive motivo de grandes críticas em Portugal, porque entendidas como uma negação do impacto do regime sobre a vida da população. No entanto, os apontamentos sobre a alegria do povo norte-coreano surgem como mostras dos mecanismos de defesa que a população tem à sua disposição para contrariar um quotidiano que sabemos difícil. A música, a dança e o riso funcionam como ponto de fuga a uma realidade extremamente formatada.

Assim, à imagem de uma população triste, Peixoto contrapõe uma outra de uma população alegre, que gosta de cantar e de dançar. No episódio da visita ao Arco do triunfo de Pyongyang, os turistas estrangeiros atravessam um parque que está cheio de pessoas a fazerem piqueniques porque é feriado e em todos os grupos há pessoas a cantar e a dançar de forma alegre e desorganizada: “Vim a perceber mais tarde que esse é um hábito na Coreia do Norte: às vezes, como distração, há alguém que canta. Quando essas ocasiões surgem, ninguém se nega. Mal ou bem, todos cantam.” (p. 68-69).

Num outro momento, o autor está a subir a colina Moran e atrasa-se em relação ao grupo, quando alcança o grupo, os turistas estão a dançar no meio dos norte-coreanos:

Os estrangeiros que viajavam comigo também estavam lá no meio, a dançar com eles. Os mais tímidos, encostados aos troncos das árvores, recebiam convites sucessivos de coreanos que se aproximavam a sorrir, lhes esticavam a mão e os tentavam levar para o meio da dança. [...] Não demorei muito a entrar na festa. Quem me convidou foi um rapaz de vinte e tal anos, muito penteado, camisa apertada até ao último botão, com dois molhos de chaves pendurados na presilha do cinto, que se mexia em estilo completamente livre, numa fusão iconoclasta entre folclore e dança contemporânea. (p. 63-64)

Ora, esta realidade contraria o que é indicado em todos os guias e livros sobre a Coreia do Norte e acaba por surpreender os turistas, levando-os a relativizar uma das ideias feitas sobre a população norte-coreana e que passa pelo medo do contacto com estrangeiros ou o seu ar ríspido, tal como o próprio José Luís Peixoto nos tinha descrito antes:

Os estrangeiros pareciam surpreendidos. Muitos provavelmente tinham lido os mesmos livros que eu. Uma boa parte desses livros assegurava que os norte-coreanos tinham ordens expressas para não manter qualquer espécie de contacto com estrangeiros. Cheguei a ler que, quando aconteciam acidentes, por medo, recusavam qualquer assistência. [...] Nesse ponto, aquilo que os livros diziam não correspondia à realidade. Se alguma vez tinha sido assim, deixara de o ser. Estava rodeado por essa evidência. (p. 64)

O *a priori* sobre a população norte-coreana, os clichés escritos nos livros, assim como mitos e lendas sobre o país mais fechado do mundo, assim como o facto de poucas informações serem transmitidas a partir ou sobre o país, fizeram com que se criassem uma série de imagens sobre a população no ocidente que se revelam falsas quando o autor se desloca ao país.

Procurando relativizar as imagens construídas sobre este país, numa tentativa de fazer de fazer o leitor refletir sobre a noção de cliché, o autor dá conta de dois aspetos difíceis de imaginar no ocidente e que escapam às descrições dos livros: o primeiro é o facto de as crianças andarem sozinhas na rua e no metro de Pyongyang desde os cinco, seis anos e de estas não se sentirem afetadas pelo ambiente militarizado e o regime de medo que nós, ocidentais, imaginamos ocupar o dia a dia dos norte-coreanos:

Recordo o quanto isso seria impensável para uma criança normal, com pais, na capital de qualquer um dos países daquelas pessoas que ali estavam de visita. [...] Crianças a caminharem sozinhas pelas ruas, a apanharem o metro sozinhas, talvez porque existiam militares em cada esquina, talvez porque viviam num Estado policial ou talvez por outro motivo qualquer, que também poderemos considerar se nos permitirmos a ver as questões por mais do que apenas uma perspectiva. (p. 86)

O segundo detalhe que impressiona Peixoto é a demonstração constante de ternura entre as pessoas, imagem que parece não combinar com a população e a descrição que dela fazemos no ocidente, mas que é marcante para o autor durante toda a sua estadia:

Na Coreia do Norte, com muita frequência, vi crianças a serem acarinhadas pelos mais velhos. Tanto podia ser alguém com idade de ser avô ou pai estar abraçado a uma criança, compenetrado nesse gesto ou a prestar atenção a outra coisa, a falar com alguém talvez, mas sem parar de fazer festas; como podia uma criança estar a abraçar alguém mais velho, a fazer-lhe festas com naturalidade. Muitas vezes, assisti a trocas de afecto entre adolescentes, adultos, ou crianças abraçadas, de mãos dadas. Esses sinais de carinho, eram independentes do sexo, rapazes abraçados a rapazes, de mão dada, raparigas

abraçadas a raparigas, rapazes abraçados a raparigas, nenhum problema. Ainda assim, o cuidado dispensado às crianças foi aquele que mais me sensibilizou. Essa ternura, repetida ao longo de dias, amenizava bastante outros aspectos da paisagem. Não é quantificável como o Produto Interno Bruto, o número de médicos por mil habitantes, mas acredito que é igualmente uma marca de desenvolvimento civilizacional. (p. 86)

Ao mesmo tempo, os clichés sobre o Japão e os EUA são muito fortes na Coreia do Norte. Os norte-coreanos vivem num ódio permanente aos japoneses, por causa da história da colonização, assim como num ódio muito presente aos americanos, considerados responsáveis da guerra das duas Coreias.

A relativização do cliché também está presente quando o autor parte da Coreia do Norte, feliz por poder retomar a sua vida normal em liberdade e atravessa a fronteira com a China « [n]aquele momento, a China era o símbolo da liberdade. Chegar à China, significava chegar ao mundo livre » (p. 230), de forma irónica, atravessar a fronteira para chegar a um dos últimos redutos do comunismo é para o autor acabado de sair da Coreia do Norte chegar a um país livre.

A procura do Eu na casa do Outro

Dado o clima de asfixia sentido em todo o texto, é legítimo perguntarmo-nos, mas afinal o que é que José Luís Peixoto foi fazer na Coreia do Norte? Em *Dentro do Segredo, uma viagem na Coreia do Norte*, encontramos o autor numa viagem inesperada, em busca de si mesmo, questionando a sua identidade enquanto homem e escritor, os seus preconceitos e limites culturais. A viagem à Coreia do Norte, é uma busca no interior de si através do confronto com uma realidade política, ideológica e sociológica que permitem observar várias facetas do ser humano, nomeadamente os mecanismos utilizados por certos regimes políticos e a megalomania de alguns dirigentes.

Este interesse não é novo para o autor que já se tinha interessado por um dos regimes mais violentos da Europa: o da Bielorrússia. O próprio relembra com humor o quão excêntrico este interesse pode parecer: “Sei ver que estar em Portugal, não ter nenhuma ligação pessoal à Bielorrússia e, no entanto, ouvir a música, seguir as notícias e ir ver o boletim meteorológico de Minsk diariamente é um comportamento algo

excêntrico.” (p. 23). No entanto, este contacto não existe sem perigos e, no caso da Bielorrússia, esse perigo acaba por se revelar através da instrumentalização do interesse de Peixoto pelo país, visto que o regime de Lukashenko vai publicar num jornal nacional a mensagem deixada pelo autor num fórum como uma prova do interesse internacional pelo país e o autor vai ser assim estudado e traduzido na universidade de Minsk.

Por outro lado, não podemos esquecer o facto do autor ter nascido em 1974, ano em que terminou em Portugal a ditadura do Estado Novo e, tal como a maioria dos escritores da sua geração, de este sentir um enorme vazio, quase um sentimento de culpa por não ter estado presente, facto que provoca uma enorme curiosidade sobre como é viver sob uma ditadura: “sentia curiosidade por sociedades fechadas e sistemas políticos totalitários. [...] [T]entar perceber o quotidiano de quem vive nessas sociedades.” (p. 22-23) No entanto, esta necessidade de compreender uma parte da história da sociedade portuguesa sob a ditadura – pensemos nos seus pais, emigrantes em França durante vários anos, tendo voltado a Portugal já depois do fim do regime –, não faz com que o autor pactue com o regime norte-coreano. Desde o início do texto, Peixoto tem o cuidado de repetir diversas vezes a frase: “Sou contra todos os regimes totalitários e ditaduras.” (p. 22)

A ideia de ir conhecer a Coreia do Norte nasce, curiosamente, num país considerado pelo regime norte-coreano como inimigo, nos Estados Unidos, em Los Angeles mais precisamente. Durante uma leitura literária, o autor conhece um poeta norte-coreano, Chiwan, que lhe fala nas dificuldades atravessadas pela sua família na fuga da Coreia do Norte, na dificuldade em viver com essa identidade norte-coreana e em algumas características do regime político do país.

Tomada a decisão de visitar o país, a opção escolhida é relembrada de forma bem-humorada: “*Kim Il-sung 100th birthday Ultimate Mega Tour (Ultimate Option)*.” (p. 27), a viagem de quinze dias que vamos acompanhar durante a narrativa compreende

para lá dos festejos e de todos os monumentos e lugares mais emblemáticos da Coreia, fazia parte do itinerário a passagem por algumas cidades pouco visitadas e, mesmo, por algumas fábricas onde nunca tinham entrado estrangeiros. Uma alternativa que também considerei teria lugar durante a celebração dos setenta anos de Kim Jong-il, em Fevereiro de 2012, e seria levada a cabo pela Associação de Amizade com a Coreia [...]. [...] contava ter de calar as minhas opiniões com frequência, sempre, mas fazer uma viagem

[...] em que seria tratado como um amigo da República Popular Democrática da Coreia era demasiado para mim, não era *ultimate mega*. (p. 28)

O espaço do Eu nesta viagem *ultimate mega* é, no entanto, bastante reduzido. Confinado a uma série de regras tais como deixar o telemóvel na fronteira, enviar apenas um ou dois emails a preços exorbitantes sem nunca poder ler o seu próprio email, telefonar também a preços exorbitantes para os filhos ou para a mãe para dar notícias, assim como o facto de ter sempre os movimentos controlados, obrigam o Eu a um esforço de adaptação que vai colocar o autor, ainda que momentaneamente, na situação de imaginar o que é viver em ditadura:

Estavam fechados numa sala dentro de um país fechado. No quarto, com tempo para pensar, parecia-me às vezes que também eu estava assim, fechado duas vezes. Fechado naquele país que não me deixava ter telemóvel, que não me deixava receber emails e fechado no meu segredo. [...] Com essa experiência, tive um pouco a ideia do que é morrer. (p. 132-133)

Por certo, o tipo de viagem orquestrada pelo regime norte-coreano acaba por parecer mais uma visita a um parque de diversões e muitas das críticas feitas ao autor vão nesse sentido, mas o facto é que os constrangimentos associados a esta viagem acabam por confinar o espaço do sujeito e a obrigá-lo a uma reflexão que pode ser proveitosa para que o autor coloque a sua vida e de uma certa forma a história recente do seu próprio país em perspetiva. Se olharmos de perto para os exemplos dados no livro, as deslocações constantes e escolhidas previamente, os transportes impostos, os hotéis frequentados, as regras apertadas quanto ao direito de tirar fotografias, para onde dirigir o olhar ou até como dobrar o jornal “sem dobrar a fotografia do líder” (p. 36), estes mostram bem que o autor nunca se desloca num espaço escolhido, mas sempre num espaço imposto. O constrangimento associado à barreira da língua e da comunicação fazem com que apesar de todas as deslocações feitas pelo grupo de turistas, não haja nenhuma possibilidade de fuga a este quotidiano, o que acentua a noção de um espaço trágico e hermeticamente fechado do qual é impossível escapar, detalhe que não é de todo estranho à prosa de Peixoto, na medida em que este encurrala frequentemente as suas personagens em espaços e destinos inelutáveis.

Além da vontade de refletir sobre regimes ditatoriais e assim melhor compreender a sua própria pré-história, vemos surgir durante o livro uma vontade expressa de refletir sobre a escrita e os seus processos. Encontramos, então, o escritor José Luís Peixoto numa espécie de corte desejado com a sua realidade para poder marcar uma certa distância e refletir de forma mais coerente. A viagem à casa do Outro

é uma possibilidade de conhecer o Eu, uma vez que o Outro acaba por servir de contraponto, como uma etapa necessária para o conhecimento do Eu e é por isso que à pergunta “O que faço eu aqui?” (p. 77) o autor sente que algo se vai desencadear no seu interior e a resposta pode não ser a esperada “Essa pergunta vinha desde tão de dentro que o seu caminho feria-me.” (p. 77)

A busca de si num espaço totalmente desconhecido, buscar o humano além da geopolítica e da ideologia, revelar-se-á para um leitor atento da obra de Peixoto como um caminho essencial, podemos mesmo dizer iniciático. É preciso referir que a publicação de *Dentro do segredo, uma viagem na Coreia do Norte* surge num momento em que se tinha fechado um ciclo na escrita do autor, um ciclo de cerca de dez anos que vai da publicação de *Morreste-me* até *Abraço*. Nesse intervalo de tempo, tudo mudou na vida do escritor e ele reflete sobre o medo sentido de “estar a criar uma distância insuperável entre [ele] e as pessoas que [lhe] são queridas.” (p. 19), apontando para o perigo não da distância física que ele impôs com esta viagem organizada em segredo, mas

o perigo é deixarmos de nos entender. [...] A experiência que temos do mundo diverge cada vez mais. utilizamos palavras, são as mesmas, mas têm significados diferentes. Tenho medo de deixar de entender a minha mãe, tenho medo que ela deixe de me entender a mim. [...] o que significa aquilo que não dizemos? Tenho medo que os meus filhos nunca cheguem a entender aquilo que lhes conto quando ficamos em silêncio [...]. (p. 19-20)

A viagem à casa do Outro é por diversas razões necessária, visto que ela provoca um estranhamento que permite ao Eu pôr-se em questão. Esta circunstância é visível desde o encontro com o guarda alfandegário e porque o autor tirou fotografias e apontamentos durante a viagem que sabe proibidos “O seu olhar punha o meu corpo inteiro em tensão.” (p. 9), circunstância que alimenta o medo do autor que não sabe qual poderá ser a reação do guarda ou o castigo aplicado nestes casos e “não saber era muito pior do que saber porque, assim, acabava por imaginar. E eu estava na Coreia do Norte.” (p. 18), imaginação que despoleta o medo e o terror, porque ao saber-se fechado no país o narrador imagina que lhe podem acontecer situações extremas, como ser mantido refém em caso de conflito com a comunidade internacional, facto que o assusta “Eu não queria estar no meio disso, tenho dois filhos.” (p. 31)

As muitas críticas dirigidas a José Luís Peixoto após a publicação desta narrativa de viagens, críticas que apontavam sobretudo para o facto de o autor não criticar suficientemente o regime político, não tiveram em conta a dimensão literária da obra e

ficaram-se apenas pelo registo de viagem, como se se tratasse de um diário de bordo. Ora, a presença do Eu do escritor José Luís Peixoto na narrativa, já largamente conhecido dos portugueses e até do público internacional, aponta para um jogo literário que é típico do autor. Colocar o seu leitor à prova é algo a que o autor já nos habituou, mas não podemos ignorar que José Luís Peixoto é, atualmente em Portugal, um dos mestres da escrita na primeira pessoa, não é de espantar portanto que mesmo num projeto literário diferente como o pode ser uma narrativa de viagens, o autor não consiga e não queira desfazer-se do Eu, tal como afirmava Vitorino Nemésio, citado por Clara Rocha (1992: 216): “Como o bom carpinteiro não larga a plaina da mão, o escritor, mais que a pena ou o teclado da máquina de escrever, não pode largar o “eu”. Escrever na primeira pessoa é para o autor a forma mais apropriada para falar de si e se compreender enquanto homem, escritor e instrumento literário.

A fórmula não é inédita, Chateaubriand, Flaubert, Loti, Céline, já tiveram ocasião de demonstrar que a subjetividade de uma narrativa de viagens é uma condição *sine qua non* para que o relato possa ser amplamente admirado pelo leitor que aceita desde o pacto de leitura ser submetido a uma série de impressões que já passaram pelo filtro da focalização do narrador e do olhar do autor. Sem contar que, muitas vezes, a viagem passa-se mais no plano interior do que no plano exterior, pensemos num Proust e nas suas impressões de viagens à costa francesa, tal como afirma Jean Milly num artigo sobre este autor:

L’artiste, dans cette conception, a pour démarche essentielle de transmettre, par son art, une vision intime et singulière qu’il a du monde. Il le voit et le fait voir comme nul autre ne peut le faire. Par ce transfert de vision, c’est un voyage de nous-mêmes à lui-même qu’il nous propose. (1994: 186)

Para o autor-narrador, a viagem é uma busca de si. Inicialmente, este procura o lugar onde poderá matar a sua sede de conhecimento e de compreensão, onde é que a aventura poderá ser mais extrema no caso de Peixoto, saber como o autor explica o que é viver em ditadura, mas mais ainda encontrar um lugar “onde nenhuma pessoa tivesse a [sua] aparência” (p. 22), onde a sua “presença não era sentida” (p. 227), como se a única forma de se encontrar consigo mesmo fosse a de desaparecer fundindo-se na população norte-coreana, para renascer outro ou talvez o mesmo, mas com mais certezas: “Durante aqueles minutos, fui norte-coreano. Houve mesmo pessoas a dirigirem-se a mim, a dizerem-me qualquer coisa, sem esperarem resposta. Isto, que parece pouco, foi tudo

para mim, encheu-me. Esse foi o momento mais intenso que vivi na Coreia do Norte.” (p. 228)

Colocar em perspectiva a sua existência, nomeadamente o seu reconhecimento enquanto escritor, viver um momento único no qual faz parte de uma massa de pessoas alegres a partilharem um momento, sem saberem que estão na presença de um escritor que já não consegue escapar à sua imagem dentro de Portugal, despir a pele do escritor José Luís Peixoto, solicitado incessantemente, sujeito a “Pedidos, pedidos, a maioria dos quais acrescidos de chantagem emocional mais ou menos velada” (p. 133), para ser só, por momentos, o homem José Luís Peixoto, eis a procura que o autor foi fazer num país longínquo e sob muitos aspetos inóspito, no qual o escritor consegue através do contacto com uma natureza ainda bastante selvagem imaginar “o mundo antes da humanidade” (p. 190).

A orientação autobiográfica, tão frequente no resto da obra do autor, assegura nesta narrativa uma coesão ao texto, um certo dinamismo, por um lado há o escritor que se descobre e por outro há o ponto de vista emitido sobre aquilo que observa no país e nos costumes diferentes:

“Dans le récit de voyage, l'écrivain-voyageur est producteur du récit, objet privilégié du récit, organisateur du récit, et metteur en scène de sa propre personne. Il est narrateur, acteur, expérimentateur et objet d'expérimentation, mémorialiste de ses propres faits et gestes, héros de sa propre histoire sur un théâtre étranger dont il se fait l'annaliste, le chroniqueur et l'arpenteur privilégiés. Il est surtout persuadé, parce qu'il est voyageur, qu'il est un témoin unique.” (Gannier, 2001: 156).

O Eu sobressai no contexto da viagem e nesse aspeto toca os outros romances do autor, construindo assim uma certa intertextualidade entre este romance e os demais romances do autor. Já desde o segundo capítulo do romance *Livro* que o autor nos habituou a considerações mais ou menos longas sobre o trabalho de escritor. Nesta narrativa, essas considerações pesam mais sobre a organização do horário do escritor, os encontros literários e o peso de uma agenda que se enche de forma desenfreada ou de estruturas que pressionam o autor para aceitar todos os convites:

Na primeira semana, está toda a gente em pânico. Há os textos que têm de ser entregues, os convites que precisam de uma resposta urgente. urgente, urgente. na primeira semana, é tudo urgente. A ansiedade sufoca até as palavras escritas por *email*, sente-se. Na segunda semana, sem resposta, sem sinal de vida, uma parte grande dessas pessoas deixa de ligar ou escrever. Aquelas que ainda insistem, deixam mensagens no telemóvel sem terem a

certeza de que vão ser ouvidas. Então, têm a consciência de que podem estar a falar sozinhos. Falam muito mais pausadamente do que antes, desanimados, fazem pausas, como se tentassem ouvir o próprio eco. Na terceira semana, quase ninguém tenta ligar. Passam-se dias sem uma única mensagem. Ao abrir o *email*, só publicidade. A urgência acabou, começa apenas a passar o tempo. Na Coreia do Norte, experimentava outro tipo de morte. Ali, era eu que estava desligado e guardado numa gaveta. Aquela era uma morte sem notícias do que deixava para trás. Não sabia quem me tentava ligar, nem que mensagens me deixava. Não sabia que *emails* havia para responder. Ali, era apenas o corte, apenas a escuridão. (p. 134)

Ao mesmo tempo que descobrimos mais sobre o autor, descobrimos também mais sobre a sua relação com Portugal, a sua necessidade de compreender o país que é o seu e onde estão fíncadas as suas raízes. Além das poucas chamadas telefónicas efetuadas, o único contacto com país dá-se num momento em que o autor descobre um globo terrestre e a possibilidade de tocar nesse globo vai fazer com que o autor se encontre num devaneio nostálgico em relação às saudades que sente daquele pequeno ponto no globo terrestre: “procurei Portugal. E, por instantes, foi como se olhar para aquela pequena figura preenchida a amarelo-torrado, com a indicação de três cidades, me aliviasse a falta. Até aquela imagem impessoal, de fronteiras desenhadas grosseiramente, era capaz de evocar uma ligeira familiaridade.” (p. 195) A visita à casa do Outro torna-se assim uma ocasião de redefinição também do sentimento relativamente ao espaço pátrio.

A viagem como quimera

Como avaliar a importância desta viagem na obra do autor? Desde a epígrafe, a presença de Don Quixote é muito importante neste livro. Nela, somos alertados sobre a dificuldade em distinguir o real da ficção, ou seja, ambos caminham de mãos dadas tanto na narrativa de Cervantes quanto na de José Luís Peixoto ou ainda na retórica do regime norte-coreano. Tal como indicado na epígrafe, os autores são muitas vezes “encantadores que mudam, trocam e invertem tudo a seu bel-prazer, segundo têm em mente ser-nos úteis ou nocivos” e o leitor, tal como o cavaleiro andante, deve ter cuidado com as interferências provocadas pela ficção. Ao mesmo tempo, a figura do cavaleiro andante, sempre em trânsito, é um exemplo maior da ficção como quimera, da

procura de aventuras através de viagens, viagens essas que constroem mundos, que modificam o mundo.

Entrar na Coreia do Norte com o livro de *Don Quixote de la Mancha*, sendo que o material impresso vindo de fora é proibido no país, representa um risco para o autor, mas torna-se ao mesmo tempo um símbolo da busca literária a que vamos assistir ao longo da viagem:

Não era permitido entrar no país com qualquer tipo de material impresso. Eu tinha comigo um exemplar de D. Quixote de la Mancha, 845 páginas que seriam encontradas se alguém as procurasse. [...] D. Quixote, Sancho Pança e restante multidão de sombras iam entrar clandestinos. Se fossem descobertos, esperava que a língua portuguesa, incompreensível ali, atenuasse a minha falta. Ao mesmo tempo, sentia que esse momento, a acontecer, faria de mim uma espécie de mártir literário, o que, em teoria, não me desagradava completamente. (p. 39-40)

A importância da referência ao *Don Quixote* assume um relevo maior não tanto em relação à manipulação do real levada a cabo pelo escritor José Luís Peixoto, embora saibamos que ele nos dá a ler impressões subjetivas de viagem, mas sobretudo em relação à propaganda levada a cabo pelo regime norte-coreano, que mistura sempre uma proporção desfasada de ficção com a realidade. Assim, ficamos a saber que os grandes líderes são capazes de controlar a meteorologia, por exemplo, “O grande líder sabia fazer um bonito dia de Primavera.” (p. 51) ou aquando da morte de Kim Jong-il, em 2012

enormes bandos de pássaros que foram ao local onde estava a ser velado; um inédito brilho vermelho que cobriu o topo do pico Jong-il, a neve transformou-se em trovões e relâmpagos em Kaesong, na manhã em que morreu, a terra tremeu no monte Paektu, acompanhada pelo rugido do gelo a rebentar nas margens dos lagos. (p. 47)

Da mesma forma, descobrimos que Kim Il-sung escreveu mais de dez mil livros (p. 53) ou que durante a inauguração do primeiro campo de golfe de Pyongyang, Kim Jong-il

precisou apenas de uma tacada para cada um dos onze buracos do campo. Na linguagem do golfe, chama-se *hole in one*. Kim Jong-il conseguiu fazer onze consecutivos. Os seus dezassete guarda-costas, assim como alguns quadros superiores foram os únicos que testemunharam esta façanha [...]. No final, o querido líder desinteressou-se por esse desporto demasiado fácil e não voltou a jogar. (p. 29)

Este acumular de peripécias inverosímeis e a sua repetição pelos membros do regime e seus representantes, como os guias turísticos, e são imensas ao longo de todo o livro, provocam uma sensação de improbabilidade que ultrapassa os limites do possível para o autor, ele denuncia a artificialidade dos jornais e livros escritos à glória do líder (p. 41) que conseguiram a proeza de “criar uma lógica linguística que permite um discurso potencialmente infinito sem que se acrescente nada” (p. 44) aliada à “sensação de inverosimilhança em detalhes de algumas histórias e a expressão imperturbável da guia do museu e da menina Kim perante estes episódios mirabolantes.” (p. 55)

A noção de mentira e de fingimento são amplamente analisadas pelo autor ao longo do seu périplo pela Coreia do Norte e o facto de viver durante quinze dias nessa mentira aguça a compreensão do autor para a realidade vivida por milhões de norte-coreanos. Vejamos mais um exemplo: os navios que transportam a ajuda internacional essencial para a sobrevivência da população são explicados “aos norte-coreanos pela propaganda do regime como um tributo que os povos e os governos internacionais prestam aos líderes da Coreia do Norte, como reconhecimento das suas superiores qualidades.” (p. 150) Esta noção de farsa, acaba por instalar no texto uma atmosfera tragicómica dado que os diversos episódios narrados pelo autor: as fábricas visitadas que supostamente empregam milhares de trabalhadores, mas que visivelmente não produzem nada, os laboratórios de pesquisa mais desenvolvidos do mundo sem material ou ausência de comércio e de sistema monetário, mostram a que ponto a verdade e a mentira se conjugam no país.

Numa visita a um centro comercial ao qual os norte-coreanos não podem claramente ter acesso, apesar do que dizem os guias, Peixoto exprime a exasperação que as visitas sucessivas provocam nele: “Essa visita desgostou-me [...]. Os guias tinham-nos levado ali para fingirmos juntos.” (p. 125), tal como nos laboratórios de pesquisa: “Não posso ter a certeza se aquelas pessoas estavam mesmo a estudar. Se estavam, era bastante parecido com fingir estudar.” (p. 144), o que permite a constatação “ali tudo me parecia falso.” (p. 174) A ironia sobressai no facto de que toda esta falsidade envolvida pela retórica do regime que conduziu o povo a uma miséria social e humana terríveis cria a falsa expectativa no povo de estarem num dos países mais desenvolvidos do mundo. Como ironiza o autor, “o mais vulgar era o mais surreal.” (p. 199) numa tentativa de mostrar ao leitor como esta viagem levada ao extremo dom quixotesco contem tanto de real como de irreal e como a fronteira entre ambos é complexa e difícil de destrinçar.

Um exemplo claro desta dificuldade é a história do hotel Ryugyong que dá o título ao nosso artigo. Começado a construir em 1987, este hotel deveria ser o edifício mais alto da Ásia, mas as dificuldades financeiras e técnicas levantadas pela sua construção, fizeram com que esta fosse parada. Em abril de 2012, quando o escritor viaja para Pyongyang, o esqueleto do hotel continua presente, a ocupar uma parte do horizonte da capital norte-coreana, no entanto, todos fingem que ele não existe, falar nele é proibido, como se o hotel fosse invisível:

na última década do século XX, na Coreia do Norte, entre 240.000 e 3.500.000 pessoas morreram à fome. Enquanto isso, segundo estimativas da imprensa japonesa, foram gastos 750 milhões de dólares na construção da estrutura e de todo o exterior do hotel Ryungyong. E foi assim que um edifício com quase dez metros a mais do que a Torre Eiffel de Paris se tornou invisível. Não estava assinalado nos mapas e, apesar de dominar o horizonte da cidade, não aparecia em nenhuma das muitas fotografias oficiais que a retratavam em livros e folhetos. O hotel Ryungyong trazia más recordações aos líderes. (p. 94)

Nesta construção retórica, resta ao autor tentar distinguir o lugar que ocupam as noções de verdade, de verosímil e de ficção em cada momento da sua viagem:

Com frequência, senti que apenas me restava o papel de testemunha alucinada, tentando distinguir a realidade real da realidade retórica apenas através do instinto. Não foi por acaso que escolhi ler D. Quixote na Coreia do Norte. Como ele, basta-me ser fiel à verdade que conheço e em que acredito. Na vida, talvez seja sempre assim. A sinceridade salva-nos perante nós próprios. (p. 62-63)

Servindo-se do seu instinto para distinguir realidade e ficção e acreditando que o leitor o possa fazer, o livro desenvolve dezenas de episódios sobre o regime e os feitos dos grandes líderes onde as três noções parecem andar sempre juntas, como é o caso do episódio sobre a casa de Kim Il-sung, da qual o autor diz:

Fora da Coreia do Norte, há muita gente que põe em causa esta história. Segundo esses, aquela construção é apenas o cenário de uma mentira. Não custa aceitar essa versão. A casa é demasiado perfeita e corresponde ponto por ponto a uma narrativa que, para quem não esteja cego pelo culto, é bastante inverosímil. (p. 138)

Na dialética constante entre verdade e ficção, tal como Don Quixote ao longo das suas aventuras, o narrador hesita no seu posicionamento:

Era deprimente imaginar que tudo pudesse ser simulado. À partida, sempre soubera que precisava de um esforço para distinguir a verdade dentro do

exagero, mas havia a escolha de interpretar a realidade por um lado ou por outro. A escolha entre um olhar crédulo ou desconfiado, benevolente ou maldoso. (p. 146)

A hesitação do autor corresponde a um questionamento sobre a realidade local, mas também sobre a forma de contar a sua viagem. Ao longo desta narrativa, muitas vezes acompanhamos o leitor numa busca quase quixotesca para conseguir distinguir entre real e ficção, mas ao mesmo tempo numa busca sobre o que é importante contar ou deixar de lado quando se conta uma história. Embora de forma subtil, a reflexão levada a cabo nesta narrativa prolonga a busca, não menos quixotesca, iniciada na segunda parte de *Livro*, sobre a construção de uma obra, o lugar do autor e o lugar do leitor.

Chegada

A viagem chega ao fim e com ela a nossa leitura. Os escritores contemporâneos servem-se da viagem à casa do Outro para darem a conhecer territórios estrangeiros tanto em termos geográficos quanto em termos daquilo que nos é externo e estranho. A experiência recolhida permite-lhes tal como a nós leitores desconstruir uma série de imagens que temos sobre um território e construir novas imagens baseadas nesta experiência recente.

Desta forma, a imagem da Coreia do Norte como território fechado é confirmada pelas observações feitas sobre o regime ou ainda pela sensação de asfixia sentida ao longo da narrativa. O conhecimento deste país sai reforçado pelos inúmeros apontamentos sobre a história, as tradições ou a língua. No entanto, o autor procura criar também espaços de dúvida em relação aos estereótipos presentes nos guias de viagem sobre o país, pequenos pontos de fuga que instauram no texto um contraponto que permite desconstruir a imagem que temos do país.

Em todo o caso, a aprendizagem realizada com o autor é imensa. O mundo torna-se mais palpável, mais conhecido, tal como afirma o autor: “Propus-me ir à Coreia do Norte e fui. A força de uma realização como essa encurta bastante o mundo.” (p. 234)

Para quem “estava farto de tanto controlo, da lógica que norteava aquele culto, estava farto do medo” (p. 230), a valorização imediata dos pequenos prazeres da vida e entre eles da liberdade sobre a qual não pensamos todos os dias fazem com que o nosso quotidiano seja colocado em perspetiva: “Atravessar a rua pode ser um prazer imenso. Ninguém atrás de mim, nenhuma vigilância. Não se deve subestimar o valor de respirar fundo.” (p. 232)

Por outro lado, assistimos a uma tentativa de descentramento do Eu, operada através de um distanciamento da imagem que representa o nome José Luís Peixoto. Ao colocar o Eu à prova no espaço do Outro, o autor mostra como a alteridade pode funcionar como um espelho para o Eu e, ao mesmo tempo, como um espaço de redescoberta de si.

Ao acompanharmos o autor na sua busca interior percebemos que a reflexão sobre as ideologias que escravizam a mente dos povos, assim como as reflexões de foro mais pessoal acabam por dar-lhe as respostas que o autor procurava: “O meu mundo passou a fazer mais sentido.” (p. 235) Será com certeza uma experiência inesquecível que o autor procura imortalizar através de um postal enviado a si mesmo com as seguintes palavras: “Para que, quando já não estiveres aqui e fores outro, possas receber estas palavras e, com elas, um pouco de estares aqui e seres o seu significado.” (p. 198)

No entanto, o estilo de escrita do autor está sempre presente e o corte anunciado tanto no género quanto na temática aquando da publicação deste livro acaba por ser apenas parcial, dado que a vontade de refletir sobre a literatura, a construção do texto literário, as influências literárias, a posição do escritor na sociedade ou ainda a presença da ficção na realidade, mostram-nos como o autor nunca está longe dos seus temas de predileção.

O tema da viagem à casa do Outro, já tão explorado ao longo de séculos de literatura continua a ter hoje todo o seu sentido, não é por acaso que comparar a vida a uma viagem é algo de frequente; esta afirmação encontra plenamente o seu sentido nas palavras finais de José Luís Peixoto das quais nos servimos para concluir este trabalho:

É tão fácil comparar a vida com uma viagem. Faz tanto sentido. Viagem ou vida, chegamos sempre aqui. Como se estivéssemos no alto de uma montanha, podemos olhar em volta. Aqui é o lugar onde tudo acontece. Há serenidade nesta certeza. Tens o dever livre de aproveitá-la. Se estás a ler estas palavras é porque estás vivo. (p. 236)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Philippe, Antoine; Gomez-Géraud, Marie-Christine (Ed.). 2001. Roman et récit de voyage. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne.

Gannier, Odile. 2001. La littérature de voyage. Paris: Ellipses-Marketing.

Garnier, Xavier; Zoberman, Pierre (Ed.). 2006. Qu'est-ce qu'un espace littéraire?. Saint-Denis: Presses universitaires de Vincennes.

Grassin Jean-Marie; Westphal Bertrand (Ed.). 2000. La géocritique mode d'emploi. Limoges: Pulim, Presses universitaires de Limoges.

Pageaux, Daniel-Henri. 1994. La Littérature générale et comparée. Paris: Armand Colin.

Ricoeur, Paul. 1990. Soi-même comme un autre. Paris: Seuil.

Rocha, Clara. 1992. Máscaras de Narciso, Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal. Coimbra: Almedina.

Rousseau, Jean-Jacques. 1968. Discours sur l'origine et les fondements de l'inégalité parmi les hommes. Paris: Éditions sociales.

Tverdota, Gyorgy (Ed.). 1994. Écrire le voyage. Paris: Presses de la Sorbonne nouvelle.

